

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA**

**AGRESSIVIDADE E TIMIDEZ: FATORES INTERFERENTES NA
SOCIABILIDADE E APRENDIZAGEM ESCOLAR**

MILENA LEADEBAL DE ARAÚJO

**FORTALEZA – CEARÁ
2005**

AGRESSIVIDADE E TIMIDEZ: FATORES INTERFERENTES NA
SOCIABILIDADE E APRENDIZAGEM ESCOLAR

MILENA LEADEBAL DE ARAÚJO

MONOGRAFIA SUBMETIDA À COORDENAÇÃO DO CURSO DE
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA COMO REQUISITO PARCIAL
PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE ESPECIALISTA PELA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ.

Esta monografia foi submetida como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Especialista em Psicopedagogia pela Universidade Federal do Ceará e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca Central da referida Universidade.

A citação de qualquer trecho desta monografia é permitida, desde que seja feita de conformidade com as normas da ética científica.

Milena Leadebal de Araújo

MONOGRAFIA APROVADA EM: ____/____/____

Professora Dra. Helena Cláudia de Frota Holanda
Orientadora

RESUMO

A presente pesquisa discorre acerca de dois fatores que dificultam os processos de sociabilidade e produzem interferências na aprendizagem escolar: a agressividade e a timidez. São relatados os processos cognitivos na visão interacionista de Jean Piaget, Lev Vygotsky e Henri Wallon, mostrando que esses processos estão interligados as relações com as outras pessoas, por conseguinte, o aprendizado será mais eficaz se houver a colaboração de mediadores que repassem seus conhecimentos para essas crianças. A faixa etária escolhida para essa pesquisa corresponde ao estágio operatório concreto formulado por Jean Piaget, ou seja, aproximadamente de sete a onze anos de idade. Em seguida, são discutidos a socialização e dois fatores que a comprometem, tendo como subsídio teórico Pichon-Rivière, Helen Bee, Linda Davidoff, dentre outros. Assim, essa análise vai fortalecer a idéia de que a aprendizagem será mais satisfatória através de mediações e que esse processo envolve diferentes agentes da área educativa, quer seja para prevenir os problemas de aprendizagem escolar, quer seja para tratá-los mais detalhadamente. Para finalizar são mostradas maneiras de intervir nessas dificuldades através de perspectivas psicopedagógicas fundamentadas por Fernández, Paín, Weiss, dentre outros e o interesse da família pelas dificuldades que a criança apresenta na Escola.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	05
CAPÍTULO 1 – APRENDIZAGEM COMO PROCESSO INTERDEPENDENTE DA RELAÇÃO EM GRUPO.....	07
CAPÍTULO 2 – A SOCIALIZAÇÃO E DOIS FATORES QUE COMPROMETEM ESSE PROCESSO: AGRESSIVIDADE E TIMIDEZ.....	16
CAPÍTULO 3 – INTERVENÇÕES PSICOPEDAGÓGICAS.....	26
CONCLUSÕES.....	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	33
ANEXOS.....	36

INTRODUÇÃO

Nessa pesquisa serão perscrutados dois fatores que comprometem o processo de socialização: a agressividade e a timidez. Existem muitos outros fatores que prejudicam a sociabilidade, tais como: fatores sócio-econômicos, obesidade, delinqüência juvenil, sudorese, mau-hálito, porém serão evidenciadas à agressividade e a timidez, mostrando a interligação desses fatores com a interferência que eles engendram na aprendizagem escolar.

Hodiernamente, nesse mundo globalizado, os processos de sociabilidade vão sendo solapados pela tecnologia que faz com que muitas crianças se afastem das brincadeiras simples, tais como: pular corda, pega-pega, adivinhações, empinar pipa, brincar de boneca etc, brincadeiras estas que promoviam um grande momento de socialização, que estão sendo trocadas por jogos no computador, programações televisivas estimuladoras de agressividade, crianças cada vez mais jovens possuindo telefones celulares, crianças com o dia preenchido por atividades diversas assemelhando-se a uma rotina de adulto, ocasionando estresse na infância, ou seja, essas atividades do mundo moderno não necessitam de outra pessoa, pois as crianças brincam somente com uma máquina, como é o caso do computador e o corolário dessa situação é o afastamento de umas com as outras, gerando crianças com menor habilidade social.

A idade estabelecida nessa pesquisa corresponde ao estágio operatório concreto formulado pelo epistemólogo Jean Piaget, ou seja, aproximadamente de sete a onze anos.

No capítulo inicial explicita-se a relação que a aprendizagem tem com a socialização, pois os indivíduos que não estabelecem relações interpessoais paulatinamente sentem-se prejudicados devido à metodologia aplicada em sala de aula necessitar do convívio conciliador com o grupo. Adota-se como

subsídio teórico, obras alicerçadas em enfoques sócio-construtivistas e que discorram sobre a trajetória percorrida pelo aprendente em seus processos cognitivos, portanto nos apoiaremos nas concepções piagetianas, vygotskyanas, walloneanas e pichoneanas. No capítulo seguinte aborda-se a socialização e dois fatores que dificultam esse processo, ou seja, a agressividade e a timidez. O suporte teórico adotado para concretizar esse capítulo são as abordagens de Pichon-Rivière, Helen Bee, Saltini, Carmichael, dentre outros. O último capítulo é concernente às intervenções psicopedagógicas, no qual são analisados alguns jogos que estimulam as inteligências interpessoais. Adota-se como subsídio teórico uma obra de Celso Antunes e as múltiplas inteligências serão fundamentadas com obras de Gardner.

Os objetivos deste trabalho, no enfoque psicopedagógico é encontrar meios de ajudar o aprendente a se adequar ao 3º milênio, mostrando as potencialidades da criança para, em seguida, tratar de suas necessidades, por conseguinte perscrutam-se métodos que possam colaborar no tratamento desses dois fatores que ocasionam a dificuldade de socialização e concomitantemente prejudica na aprendizagem escolar.

Pretende-se contribuir para desfazer o “bloqueio” de aprendizagem causado pela dificuldade de sociabilidade do aprendente, para que este não leve essa problemática para a fase adulta . Almeja-se promover a integração da sala de aula para atingir um clima favorável de trabalho, pois a aproximação dos estudantes é eficaz devido ao convívio com outras pessoas ajudar o indivíduo a se conhecer mais e ter um rendimento escolar melhor.

CAPÍTULO I – APRENDIZAGEM COMO PROCESSO INTERDEPENDENTE DA RELAÇÃO EM GRUPO

O desenvolvimento da aprendizagem inicia-se no ambiente familiar, ou seja, a família é o primeiro grupo em que a criança se insere, logo a aprendizagem está interligada aos grupos.

Na concepção Vygotskyana, o aprendizado inicia-se no plano social, que são as relações interpessoais. A criança atinge um aprendizado escolar satisfatório quando interage com outras pessoas. O aprendente necessita muito do outro para alcançar um bom aprendizado, pois o seu nível de desenvolvimento potencial vai depender da ajuda de um mediador, que pode ser um adulto ou um colega de sala mais experiente.

Algumas crianças sentem dificuldades em se “encontrar” no grupo, embora no seu grupo familiar se sintam à vontade. A relação com o outro deve ocorrer para o desenvolvimento do aprendente ser eficaz. De acordo com a perspectiva Vygotskyana as palavras e os signos são instrumentos importantes para estabelecer o contato social com as pessoas. Por essa razão, os tímidos sentem-se reprimidos de aproximarem-se de um grupo que não seja o seu ambiente familiar e os agressivos sentem rejeição por parte do grupo escolar que teme seu temperamento ameaçador de desarmonia em sala de aula.

Seguindo o modelo Vygotskyano ressalta-se que no momento em que a criança recorre à outra pessoa com indagações para resolver problemas, ela demonstra que elaborou um “plano de ação” que ajudará na resolução de um problema que ela não foi capaz de realizar sem a mediação.

A criança consegue atingir o aprendizado escolar sem interagir com os demais componentes de sua sala de aula quando está diante de problemas simples, pois esta poderá recorrer, segundo Vygotsky(1994), a fala egocêntrica

e nesse momento ficarão interligados a fala, percepção e a ação propriamente dita. A criança necessita ficar pensando em voz alta sobre as maneiras que encontra para solucionar problemas, contudo quando são problemas complexos, a criança necessitará da ajuda de um mediador.

Conforme Vygotsky(1994), esse aprendizado que se inicia no plano social, estende-se ao plano individual, que corresponde às relações intrapessoais, por conseguinte, o aprendente não pode ser rotulado de passivo, devido a não ser totalmente “moldado” pelas pessoas que convivem com ele, mas também não se classifica como ativo, pois uma parte de seu aprendizado ocorre devido à influência exercida pelos outros. Assim, de acordo com o modelo Vygotskyano, a criança será interativa, pois com a interação com o “meio”, ela vai adquirindo habilidades e desenvolvendo melhor o aprendizado através das mediações recebidas.

A criança ao nascer vai fazer parte de uma cultura que corresponde a de seus antepassados, os quais têm hábitos, valores e costumes que serão repassados à criança na construção de seu desenvolvimento, todavia a criança terá contato com outras pessoas de diversos ambientes, que mostrarão novos hábitos, valores e costumes. Nesse momento, ocorrerá uma troca de valores, ou seja, a criança poderá absorver uma parte desses valores e poderá repassá-los para outras pessoas, tais como colegas de escola, os vizinhos etc. Com esta troca, os conhecimentos vão se internalizando, logo o aprendizado necessita da relação com outras pessoas para tornar-se mais satisfatório.

“A transmissão do ensino por parte dos progenitores e demais familiares faz-se mediante a regressão parcial em que estes incorrem para poder compreender a criança; influem também nessa transmissão os modelos recebidos pelos pais em sua própria infância, os mecanismos de defesa que predominantemente utilizam, as pautas culturais vigentes na sociedade e os conhecimentos que a família possui em geral sobre criação e educação. Nas últimas décadas o pediatra vem desempenhando um papel peculiar na transmissão de conhecimentos o que, às vezes, sofre também influência das tendências que imperam na cultura médica de cada momento”. (Soifer, 1992, pp. 150-151).

Existem quatro teorias psicogenéticas Vygotskianas: a filogênese, que corresponde ao desenvolvimento da espécie; a ontogênese, que corresponde ao desenvolvimento de um indivíduo dentro da espécie; a sociogênese, que corresponde ao desenvolvimento da cultura e a microgênese, que é concernente às particularidades de um indivíduo que o difere dos demais, logo são as diferenças entre as pessoas que constantemente vão sendo moldadas por intervenções, através do convívio.

As relações sociais estão interligadas aos relacionamentos afetivos e estes estão atrelados aos fatores cognitivos, ou seja, se um deles não vai bem, os outros saem de sintonia, comprometendo o rendimento escolar.

De acordo com Pichon-Rivière(1988), cada indivíduo assume um papel dentro do grupo, por conseguinte as crianças tímidas, agressivas ou qualquer outro tipo também assumem um papel dentro de um grupo, contudo por motivos diversos mantêm-se afastadas desses grupos e isso traz como corolário a interferência nos processos de aprendizagem. Nesse caso, deve haver integração no grupo para que todos atinjam o aprendizado, independente do papel assumido no grupo. A falta de empatia do grupo perante um indivíduo gera dificuldades de concentração no aprendente. Se houvesse uma compreensão por parte dos integrantes do grupo, com uma tentativa de se colocar no lugar do aluno agressivo ou tímido e buscando os “reais” motivos de seu afastamento com os demais componentes, a criança paulatinamente alcançaria um pequeno grau de sociabilidade que ao ser trabalhado poderia ir aumentando gradativamente e dessa maneira o aprendizado não seria prejudicado por estes fatores.

Desde pequeno, o aprendente assume vários papéis, através de brincadeiras de “faz-de-conta”, quando o indivíduo assume o papel do outro ele passa a compreender melhor o outro e essa imitação de outras pessoas não se limita às brincadeiras de “faz-de-conta”, mas passam a ocorrer devido à convivência, portanto através da imitação da realidade do outro, ocorre a internalização de conhecimentos, pois, de acordo com a teoria Vygotskyana, o

desenvolvimento do indivíduo é o resultado de um processo sócio-histórico. “O instinto de imitação não nos leva a reproduzir fielmente os atos das outras pessoas, mas dá-nos o impulso que provoca o esforço necessário à aprendizagem”. (Montalvão, 1986-87.p.194)

“Essa reconstrução é balizada pelas possibilidades psicológicas da criança que realiza a imitação e constitui, para ela, criação de algo novo a partir do que observa no outro. Vygotsky não toma a atividade imitativa, portanto, como um processo mecânico, mas sim como uma oportunidade de a criança realizar ações que estão além de suas próprias capacidades, o que contribuiria para seu desenvolvimento”. (Oliveira, 1995, p.63)

A primeira infância é caracterizada pelo aparecimento da linguagem e a partir daí vão surgindo modificações no aspecto afetivo e intelectual.

Na concepção piagetiana, o lado cognitivo e afetivo desenvolve-se paralelamente, ou seja, a socialização que é interligada ao setor afetivo desenvolve-se na mesma proporção do setor cognitivo, que corresponde à aprendizagem escolar, portanto se um setor não estiver em harmonia comprometerá o outro, já que eles são interdependentes. Na concepção Walloniana a aprendizagem será completa se existir um equilíbrio entre a inteligência, a afetividade e a formação do eu, se existir uma desarmonia em algum desses elementos, a aprendizagem será prejudicada, portanto não será eficiente. Na concepção piagetiana também é abordado o termo equilíbrio interligado a aprendizagem, ou seja, quando o aprendizado ocorre sem maiores dificuldades, respeitando os estágios piagetianos ocorre o termo que o epistemólogo Piaget rotulou de equilíbrio, logo a equilibrção difere de equilíbrio, porque o primeiro vocábulo expressa o sentido de algo que está sempre se modificando e isso concerne à aprendizagem e o segundo vocábulo sugere algo que não aceita modificações, portanto que é imutável e a teoria piagetiana rotula de desequilibrção, quando ocorre as dificuldades de aprendizagem.

A perspectiva piagetiana ressalta que o ambiente social e físico pode afetar a idade quando envolvem capacidades específicas de um indivíduo,

apesar de enfatizar que os aspectos hereditários são atuantes nos processos de desenvolvimento humano.

Na abordagem pichoneana a família aparece como o primeiro grupo no qual a criança está inserida, por conseguinte a sociabilidade adquirida no meio familiar desenvolverá alguns aprendizados básicos na criança, todavia o grupo escolar mostrará novos ensinamentos que incitarão o desenvolvimento da criança como um cidadão que necessita do meio. Nesse caso, será a partir do convívio com outras pessoas que ele se conhecerá melhor.

“priorizando as interações entre os próprios alunos e deles com o professor, o objetivo da escola, então, é fazer com que os conceitos espontâneos, que as crianças desenvolvem na convivência social, evoluam para o nível dos conceitos científicos. ‘Nesse sentido, o educador assume o papel de mediador privilegiado na formação de conhecimento’, explica Cláudia”. (Nova Escola, n.º 139, janeiro/fevereiro de 2001,p.56).

As pessoas não vivem em grupos, e sim, em agrupamentos, ou seja, elas estão ligadas umas as outras, contudo não constituem um conjunto. Quando existe uma afinidade entre duas ou mais pessoas, estabelece-se um vínculo que de acordo com Pichon-Rivière (1988) é “bi-corporal e tripessoal”, ou seja, existe uma relação corpórea de dois indivíduos, porém eles são observados por uma terceira pessoa, que estaria no pensamento de um dos indivíduos observando tudo e corrigindo, essa terceira pessoa sempre aparece nas relações humanas a fim de interferir e vigiar o relacionamento.

Para existir uma boa interação entre os membros de um grupo, estes devem estar com a auto-estima elevada para sentirem-se capazes e, assim, a interação ocorrer de maneira eficaz.

O relacionamento com um ou dois indivíduos é concretizado mesmo nos aprendentes agressivos e nos tímidos, mas eles ficam limitados a esse diálogo em dupla ou trio e não estabelecem vínculos com os demais componentes do grupo, devido ao tímido se sentir inferior aos demais e o agressivo se sentir temido pelo grupo.No grupo escolar percebem-se os grupinhos dentro do grupo

principal, mas os integrantes dos demais grupinhos estabelecem um pequeno vínculo com o grupo principal, enquanto os agressivos e os tímidos ficam restritos ao grupinho em que estão inseridos, portanto a proposta aqui estabelecida é justamente ampliar o ciclo de amizades para aumentar as possibilidades de aprendizado.

As crianças encontram diferentes maneiras de estabelecer suas amizades. Elas podem buscar seu (sua)s amigo (a)s através de indivíduos que possuem características que se assemelham as suas, pois assim se sentirão mais aceitos e podem buscar justamente indivíduos com características contrárias as suas para complementar suas personalidades.

“Muitos fatores fortuitos estão envolvidos nas seleções de amigos feitos pelas crianças. Logicamente, a idade, o sexo e a proximidade são determinantes dessas escolhas. No entanto, está longe de ser conhecido o papel desempenhado pelos fatores de personalidade na formação das amizades. Uma questão especial permanece sem resposta: são os amigos escolhidos em função de similaridades de atributos de personalidade ou é a complementaridade o principal determinante da escolha de amizade?” (Carmichael, 1975-78, p.274).

A criança da idade escolar, que corresponde ao Ensino Fundamental I, encontra-se segundo Piaget (2001) no período das operações concretas, ou seja, a criança nessa fase não se utiliza apenas da percepção, mas aprende utilizando-se da lógica. Na abordagem Freudiana essa idade corresponde ao período de latência e esse estágio das operações concretas está relacionado à idade estabelecida na presente pesquisa, que corresponde a aproximadamente 7 a 11 anos. Os grupos escolares têm um papel relevante na construção da criança, funcionam como uma espécie de “segunda família”, já que a criança passa um longo período nesse ambiente e encontra indivíduos que assumirão papéis semelhantes ao que a criança encontra no ambiente familiar, inclusive, o professor que assume um cargo responsável e com uma certa autoridade assemelhando-se ao papel dos pais. Contudo, o professor não consegue perceber em uma sala lotada, os alunos que estão alheios ao grupo.

Rego (2001, p. 60 e 61) diz com muita propriedade que:

“...para Vygotsky, o desenvolvimento do sujeito humano se dá a partir das constantes interações com o meio social em que vive, já que as formas psicológicas mais sofisticadas emergem da vida social. Assim, o desenvolvimento do psiquismo humano é sempre mediado pelo outro (outras pessoas do grupo cultural), que indica, delimita e atribui significados à realidade. Por intermédio dessas mediações, os membros imaturos da espécie humana vão pouco a pouco se apropriando dos modos de funcionamento psicológico, do comportamento e da cultura.”

Algumas crianças não têm problemas em se sociabilizar, porém devido a alguma perda em suas vidas, podem vir a se isolar de todos por um longo período, chegando a depressão.

Existem crianças que se opõem ao meio para se diferenciar dos outros, ou seja, uma tentativa de serem únicas, que demonstram dificuldades no lado afetivo, daí a necessidade de serem exclusivas, por demonstrarem uma grande carência que provavelmente foi ocasionada no meio familiar e essa desestrutura no lado afetivo impossibilita a criança de atingir êxito no lado social. Às vezes existe alguma espécie de “segredo” familiar e a criança finge não saber ou sofre algum trauma que ocasiona o afastamento com outras pessoas.

O desenvolvimento cognitivo Vygotskyano difere do Piagetiano, pois para Vygotsky a partir do que o indivíduo aprende, ele se desenvolve, enquanto para Piaget é a partir do desenvolvimento que ocorre o aprendizado.

Segundo Galvão (1995), Wallon afirmava que a gênese da inteligência é genética e organicamente social, no decorrer do desenvolvimento da criança, ela estabelece diferentes vínculos e relações sociais, através dos diversos tipos de relacionamentos estabelecidos, o campo afetivo vai se alicerçando.

Na perspectiva Piagetiana, quando a criança atinge a aquisição da linguagem começa a relatar fatos passados, presentes e futuros que contribuirá para a sociabilidade.

“Em vez de se adaptar logo às realidades novas que descobre e que constrói pouco a pouco, o sujeito deve começar por uma

incorporação laboriosa dos dados ao seu eu e à sua atividade; esta assimilação egocêntrica caracteriza tanto o início do pensamento da criança como o da socialização". (Piaget, 2001, p.28).

O aprendiz ao entrar em uma sala de aula, almeja encontrar semelhanças com o ambiente familiar, por isso inicialmente recorre ao educador que ao se mostrar interessado pelos seus discentes, facilita o relacionamento da criança que possui dificuldades em se sociabilizar, pois com o interesse do docente, o ambiente se torna acolhedor. Caso não ocorra esse interesse por parte do professor, a criança tímida se sentirá mais reprimida para participar das atividades em conjunto e a criança agressiva tentará atrapalhar a harmonia do grupo com agressões verbais ou físicas aos participantes, numa tentativa de ser "percebida" pelo grupo, todavia se existir um ambiente afetuoso, a criança que apresenta agressividade ou timidez poderá envolver-se com alguns participantes do grupo e com isso o aprendizado se tornará mais favorável.

"A criança no grupo, procura satisfazer suas necessidades de amor, afeto, acolhimento [...] (registros que trazem de uma socialização primária: ela, mãe e pai). Procura num primeiro momento encontrar esses índices no educador e depois no grupo". (Saltini, 1997, p.88).

Segundo La Taille (1992), Piaget não concorda que as relações sociais sempre são favoráveis ao desenvolvimento, pois para ele existem dois tipos de relações sociais: a relação da coação e a de cooperação. Na primeira não existe uma verdadeira socialização porque não ocorre argumentações, nem troca de informações, pois uma pessoa repassa seus conhecimentos para um ou mais indivíduos e eles aceitam, já que essa pessoa é vista pelo grupo como alguém que tem autoridade e que sempre está certo, por isso acabam repassando para outros, esse mesmo conhecimento de uma forma "coercitiva", ou seja, repetem o que lhes foi repassado sem uma verdadeira fundamentação e as pessoas vão memorizando, sem ocorrer um aprendizado eficaz, não conseguindo repassar esses conhecimentos da mesma maneira por não ter tido total compreensão do conteúdo, com isso limitando a aprendizagem, portanto a relação de coação não é favorável ao desenvolvimento. A relação de

cooperação que ocorre entre dois ou mais indivíduos é favorável ao desenvolvimento, já que ao contrário da primeira, ocorre como o próprio nome sugere, uma contribuição de cada um dos integrantes do grupo através de forças de diferentes pontos de vista, argumentando sobre o que é repassado e, assim, desenvolvendo melhor a inteligência.

“Conhecer é pensar, inventar, é descobrir e conectar as qualidades e atributos dos objetos recompondo com a minha capacidade criadora o real externo dentro da minha mente. Este é o significado do aprender. Não aprendo aquilo que posso trabalhar sobre o que outro me diz, ou daquilo que o objeto me mostra ou descubro”. (Saltini, 1997, p.17).

O aprendizado deve ser refletido para que o aprendente atinja um completo entendimento do assunto de forma crítica, construtiva e participativa. Já que o assunto pronto não leva a criança à reflexão. Contudo o aprendente através do assunto transmitido pelo mediador deve participar individualmente e coletivamente das atividades propostas pelo educador.

CAPÍTULO II – A SOCIALIZAÇÃO E DOIS FATORES QUE COMPROMETEM ESSE PROCESSO: AGRESSIVIDADE E TIMIDEZ

O ser humano sente muitas dificuldades em aceitar as diferenças do outro, geralmente tentando modificar o outro para se adaptar melhor e o convívio ser harmonioso, porém conforme já foi ressaltado na presente pesquisa, serão justamente essas diferenças entre as pessoas que irão promover a construção da personalidade de um indivíduo no processo de desenvolvimento infantil, mas muitos não percebem que essas “diferenças” são importantes para uma possível troca de experiências e por isso se afastam de quem não pensa de forma semelhante, temendo serem rejeitados. Em alguns casos, a dificuldade de convívio ofusca um sintoma que deve ser percebido, concernente à personalidade do indivíduo. Através do meio social que a criança está inserida, ela termina de formar sua personalidade.

O indivíduo que tem dificuldades de socialização necessita de motivações, pois não consegue estabelecer vínculos, nem manter amizades. Existe a necessidade do indivíduo estabelecer contato com o outro, trocar informações, comunicar-se, porém, alguns indivíduos relutam em participar de dinâmicas de grupos. Algumas pessoas não conseguem “encontrar-se” dentro de um grupo, os motivos podem ser os mais variados, tais como: falta de confiança no outro ou em si mesmo, falta de empatia, teme ser rejeitado, insegurança etc. Às vezes a agressão ou a timidez podem estar mascarando um trauma que o afasta dos outros, como a morte de um ente querido. Se no ambiente familiar e na vizinhança a criança se relaciona normalmente com os outros e apenas na Escola não se socializa, pode ser uma incompatibilidade com o ambiente.

Hodiernamente, o déficit de socialização ocorre devido à alta tecnologia que afasta os jovens de manterem contato direto, fazendo com que muitos se comuniquem através de uma tela de computador ou assistam programas “reality shows”. Com toda essa “correria” de um mundo globalizado, as crianças de hoje têm muitas preocupações, os pais fazem agendas de adultos para as crianças que incluem tarefas que preenchem o dia inteiro, tais como: natação, aulas de Inglês, judô, computação etc e com isso diminui o tempo delas brincarem, ocasionando o chamado “stress infantil” que pode transformá-la em uma criança agressiva, devido à infância ser encurtada ou tornar-se uma criança tímida, por se envolver pouco nas brincadeiras.

“Desajustes psicológicos, como comportamento agressivo, gagueira, medo exagerado e enurese são outras conseqüências decorrentes de estresse infantil. A essas manifestações, somam-se as dificuldades escolares e de relacionamento”. (Revista Educação,2001, p.26).

As causas de uma criança ter dificuldades em se socializar pode ocorrer devido a uma série de fatores, pois algumas pessoas não gostam de mudanças na sua vida por sentirem-se despreparadas para conseguir estratégias necessárias para uma boa adaptação, por isso afastam-se da sociedade, pois acreditam que o isolamento impedirá que elas tenham que se adaptar as modificações. De acordo com o nível de sociabilidade, o indivíduo pode ser extrovertido ou introvertido, portanto será mais fácil perceber o sintoma. O período de 7 a 11 anos é muito rico em mudanças, como salienta Vygotsky (1994), é o chamado “período social da mente”.

O sintoma que está sendo retratado na presente pesquisa é quando a criança não consegue estabelecer vínculos com todo o grupo escolar, pois com apenas um ou outro indivíduo significa que não houve uma sintonia entre eles, conforme Piaget (2001) ressalta é a simpatia entre as pessoas que as aproxima permitindo uma troca de aprendizagens entre elas e a antipatia é quando não ocorre nenhum gosto em comum e, com isso, não ocorrem vínculos.

“Desde que se torna possível a comunicação entre a criança e o seu ambiente, um jogo sutil de simpatias e antipatias vai-se desenvolver [...] haverá simpatia em relação às pessoas que respondem aos interesses do sujeito e que o valorizam. A simpatia, então, de um lado supõe uma valorização mútua e, de outro, uma escala de valores comum que permita as trocas. É o que a linguagem exprime, dizendo que as pessoas se gostam: Concordam entre si, ‘têm os mesmos gostos’ etc. É, portanto, com base nesta escala comum que se efetuam as valorizações mútuas. Inversamente, a antipatia nasce da ausência de gostos comuns e da escala de valores comuns. Basta observar a criança na escolha de seus primeiros companheiros ou na reação a adultos estranhos à família, para se poder seguir o desenvolvimento das valorizações interindividuais”. (Piaget, 2001, p.38).

No enfoque piagetiano a socialização é uma “capacidade de cooperação” enquanto no enfoque Walloniano é “dependência do outro”. Piaget consegue perceber a criança como um ser “pré-social” enquanto Wallon consegue ver o indivíduo como uma pessoa “geneticamente social”, ou seja, para Piaget do nascimento até a fala, ocorre uma pequena sociabilidade, enquanto Wallon diz que o indivíduo se comunica com o outro antes da fala, através de gestos, olhares, enfim, desde sempre. Piaget acha que a criança se sociabiliza melhor no momento em que fala, enquanto Wallon pensa de forma contrária, pois para ele, quando a criança vai desenvolvendo a fala e outras ações, ela passa a ficar mais independente e, assim, não solicita da ajuda de outras pessoas e por isso o estado de sociabilidade diminui.

“No momento da aparição da linguagem, a criança se acha às voltas, não apenas com o universo físico como antes, mas com dois mundos novos e intimamente solidários: o mundo social e o das representações interiores”. (Piaget, 2001, p.24).

“O exame da linguagem espontânea entre crianças, como de comportamento dos pequenos nos jogos coletivos, mostra que as primeiras condutas sociais permanecem ainda a meio caminho da verdadeira socialização”. (Piaget, 2001, p.27).

A partir dos relacionamentos iniciais que a criança tem com os adultos ela vai se desenvolvendo e tendo determinada posição dentro do grupo escolar,

ou seja, a ligação afetiva tem um grande peso no processo de formação do indivíduo na sociedade. Conforme Bee (1986), os pais das crianças que se tornam populares em um grupo, costumam desencorajar sua agressão e qualquer manifestação anti-social, costumam puni-las pouco e não frustrá-las, novamente percebe-se o lado afetivo dos pais ajudando na construção de uma criança benquista pelo grupo. Ainda de acordo com Bee (1986), Bandura argumenta que as crianças mais agressivas são aquelas que têm o modelo de agressividade em casa, na figura dos pais, logo elas imitam o que presenciam em casa e terminam tornando-se agressivas.

As pessoas costumam dar importância a comportamentos sociais que estão fora do comum, ou seja, tudo que difere dos demais chama atenção das pessoas, quer seja no aspecto positivo ou negativo.

Muitas pesquisas confirmam que os “modelos adultos” podem influenciar no modo como as crianças se relacionam umas com as outras, pois devido à imitação, elas podem adquirir aspectos diversificados de se relacionarem com seus colegas.

“(...) algumas das mudanças com a idade que ocorrem na interação com os companheiros provavelmente resultam de imitação de modelos”. (Carmichael, 1975-78, p. 185).

O grupo não é quando ocorre uma reunião de um determinado número de pessoas sem nenhum vínculo, como se estivessem “agregados” e sim quando esta união ocorre com uma interação entre cada um dos participantes e quando existem objetivos comuns entre eles.

Para existir a aproximação entre duas pessoas, ocorre uma espécie de identificação com o outro, contudo para essa aproximação ocorrer com o grupo torna-se mais difícil devido a algumas crianças não se sentirem à vontade dentro do grupo ou não estabelecerem ligação com o todo, porém a união não precisa surgir com o grupo inteiro, mas também não deve ficar limitada há

apenas duas pessoas. Deve ocorrer com um pequeno número de pessoas, para com isso formar grupinhos dentro do grupo principal, que são as conhecidas “panelinhas” que é justamente a identificação de uns com os outros e assim é dado o primeiro passo para a interação com o grupo principal. Contudo as pessoas que não se aproximam de outros por motivos diversos, tais como: a agressividade e a timidez, não ficam interligadas com os demais e prejudicam o aprendizado escolar, pois todos precisam conviver com os outros para aprender.

O ser humano costuma observar, conceituar e até mesmo julgar o outro antes de aproximar-se e conhecê-lo. Algumas pessoas nos deixam felizes, enquanto outras nos decepcionam. Por esse motivo, engendra-se um medo de aproximar-se do “desconhecido”, porém necessitamos sempre do outro.

“As pessoas precisam das pessoas. Os seres humanos proporcionam uns aos outros as maiores alegrias da vida e também as mais agudas tristezas. Essa pode ser a razão pela qual vivemos observando e tentando imaginar como as pessoas são”. (Davidoff, 1983, p.667).

Na abordagem pichoneana, a socialização ocorre com eficácia dentro dos grupos operativos, onde serão trabalhadas as ansiedades e expectativas do grupo, mediadas por um coordenador que elaborará junto ao grupo um projeto que mostrará métodos para resolver os problemas expostos pelo grupo e auxiliá-los em tarefas, este coordenador tem um papel importante no grupo porque é através dele que o grupo motiva-se e com isso instiga-se a aprendizagem e a transformação do grupo.

“Os agrupamentos sociais organizam-se em unidades com o objetivo de adquirir maior segurança e produtividade, surgindo em seu seio a possibilidade de estudar a rede de comunicações, ou seja, os vínculos inter-humanos que tornam possível a convivência e a tarefa em comum. A estrutura e função de um grupo qualquer, seja qual for seu campo de ação, estão dadas pelo interjogo de mecanismos de assunção e adjudicação de papéis. Estes representam modelos de condutas correspondentes à posição dos indivíduos nessa rede de interações, e estão ligadas às próprias expectativas e às dos demais membros do grupo”. (Pichon-Rivière, 1988, p.124).

Segundo Dantas (1990), Piaget estabeleceu que o pensamento egocêntrico da criança vai diminuindo com o passar do tempo, ou seja, durante a fase do Ensino Fundamental I, que é a idade abordada na pesquisa, a criança não está mais com o pensamento egocêntrico existente na fase pré-operatória. Por conseguinte o indivíduo na fase adulta “pensa socialmente mesmo quando está só, enquanto a criança pensa e fala de maneira egocêntrica, mesmo em situação social”. (p.84).

O diálogo da criança com o adulto não é tão eficaz quanto o diálogo de uma criança com outra, pois nesse caso a criança se sente no mesmo nível de seu interlocutor, podendo, cada um, mostrar seu ponto de vista e, com isso, promover a socialização da linguagem e o desenvolvimento da inteligência, enquanto que na conversa com o adulto a criança se sente limitada por considerar o adulto mais capaz.

“(…) O termo ‘social’ pode corresponder a duas realidades bem distintas do ponto de vista afetivo, como já o acentuamos ao estudar o ponto de vista cognitivo: há, primeiro, as relações entre a criança e o adulto, fonte de transmissões educativas e lingüísticas das contribuições culturais, do ponto de vista cognitivo, e fonte de sentimentos específicos e, em particular, dos sentimentos morais, do ponto de vista afetivo; e há, em seguida, as relações sociais entre as próprias crianças e, em parte, entre crianças e adultos, mas como processo contínuo e construtivo de socialização, e não mais simplesmente de transmissão em sentido único”. (Inhelder & Piaget, 1998, pp.99-100).

A criança agressiva, na maioria das vezes, necessita de carinho e atenção e por ter essa ausência descarrega sua raiva nas outras pessoas que se afastam dela por temerem seu “temperamento forte”, mas a família tem uma grande parcela de culpa, pois existem crianças que são criadas sem imposição de limites pelos pais e, quando são confrontadas com a vontade de seus colegas, elas reagem de forma agressiva, contudo se os pais forem demasiadamente rígidos, as crianças podem tornar-se inibidas e com dificuldades de sociabilidade, logo deve existir um equilíbrio na educação ministrada pelos pais.

“A criança que não treinou, na própria convivência familiar, suas defesas, dificilmente saberá utilizar adequadamente sua força na convivência em outros grupos. É importante, portanto, que os pais sempre deixem espaço, mesmo durante as brigas, broncas e discussões, para que a criança se defenda, se proteja e não seja aviltada em sua integridade. Pelo exercício em família, ela aprende como se comportar diante de uma provocação e controla o impulso de agressividade”. (Revista Crescer, 1999: p.77).

Com o controle dos impulsos agressivos a criança conseguirá conviver em grupo, argumentando seu ponto de vista de forma harmoniosa e aprendendo a aceitar alguns limites para não se tornar uma pessoa egocêntrica que os pais realizam todas as vontades e, com isso, alcançarão uma boa sociabilidade.

Existem crianças que são estimuladas a se tornarem agressivas, devido à constantemente presenciarem brigas entre os familiares e esse ambiente hostil fica como “modelo” para a criança ou poderá assustar a criança que temerá se aproximar das pessoas. Outro fator que estimula a agressividade são algumas programações transmitidas na televisão que retratam agressividade, por conseguinte os pais devem ter um controle do que os filhos devem ou não assistir.

“Explosões temperamentais, destruição de objetos domésticos, reações hostis às restrições dos pais, brigas entre irmãos – são todas situações de decisão para o pai ou a mãe. Ele (ou ela) pode escolher entre ignorar ou encorajar tais comportamentos, restringir e/ou punir a criança, distraí-la, raciocinar com ela ou responder com cólera e ofensa involuntários. As respostas dos pais podem variar, dependendo do objeto de agressão, do tipo de agressão, do grau de provocação e da própria disposição dos pais no momento em que o ato agressivo ocorre”. (Carmichael, 1975, p.355).

Devem-se corrigir essas dificuldades de socialização na infância, para que elas não se estendam até a fase adulta, comprometendo outros setores que diferem da aprendizagem, tais como: um emprego com pouca produtividade, devido à dificuldade de sociabilidade, logo se deve buscar um ambiente harmonioso para que o labor seja feito com mais êxito.

Com o “corre-corre” do cotidiano, até mesmo em alguns ambientes familiares, ocorre uma redução dos diálogos. Os familiares ficam mais distantes, encontrando-se apenas à noite depois de um trabalho exaustivo e diminuindo as conversas no período em que se encontram, existindo união quando os familiares sentam-se, não para dialogar, mas por existir um objetivo em comum como, por exemplo, assistir um programa televisivo, por isso ao ser trabalhado um bom grau de sociabilidade ao longo do dia, ele irá repercutir a noite no momento em que os familiares se encontram. Por conseguinte, se na infância os pequenos problemas deixam a criança estressada, os pais devem corrigir o quanto antes, para não se estender à fase adulta.

“Quando exprime sua raiva abertamente, o próprio pai estará, dessa forma, encorajando a criança a expressar também sua raiva abertamente, quando controla sua raiva, o pai desencoraja a criança de expressá-la abertamente e, assim, pode fazer com que a raiva se volte para dentro, o que, de acordo com a teoria psicanalítica, constitui o processo através do qual se desenvolve a capacidade de sentir culpa”. (Carmichael, 1975-78, p.41).

As histórias pessoais de cada aluno contribuem para que eles formem suas habilidades sociais de forma satisfatória ou insatisfatória, portanto através de uma contribuição psicopedagógica, ao observar a criança como um todo, pode-se perceber os reais motivos que transformaram o aprendente em agressivo ou tímido.

“(…) a essência de um ato agressivo é ser um esforço intencional para prejudicar alguém. As emoções que conduzem a tal comportamento são por certo desagradáveis, incluindo, por exemplo, o medo, a ira, a dor e, em especial, a frustração. Esta tem sido observada há muito tempo, principalmente em crianças que, quando impedidas de fazer algo agradável, tendem a apresentar de imediato um comportamento agressivo”. (Statt, 1978, p.116).

A agressividade que é reprimida pelos pais através de punições ou ataques a auto-estima da criança só piora o quadro, pois o aprendente, devido às ofensas sugeridas pelos pais, torna-se inseguro e essa insegurança transforma-se em timidez, portanto a repressão de forma ofensiva é prejudicial à sociabilidade do aprendente.

As crianças que assistem muitos programas de televisão conseguem manter a dificuldade de comunicação devido a falta de leitura, pois preenchem grande parte do seu tempo em frente ao aparelho de televisão e por ter a comunicação restrita aos programas que assiste, a sua sociabilidade fica cerceada. Além disso, se o programa televisivo selecionado mostra um lado cultural, a criança ainda atinge um aprendizado eficaz, todavia se o aprendiz assiste apenas a desenhos violentos, estará estimulando sua agressividade e aumentará a dificuldade de convívio com os demais.

“A criança aprende primeiro a comunicar-se através do brinquedo e depois pela palavra. Tanto a comunicação verbal como a lúdica ajudam-na a ampliar e aprofundar seus vínculos familiares e sociais”. (Soifer, 1991, p.23).

“A promoção de atividades que favoreçam o envolvimento da criança em brincadeiras, principalmente aquelas que promovem a criança de situações imagináveis, tem nítida função pedagógica”. (Oliveira, 1995, p.67).

A criança tímida estabelece amizade com poucos integrantes do grupo, devido a se sentir inibida de mostrar seus diferentes pontos de vista. Nesse caso, se ela estabelecer amizade com um grupo composto por mais integrantes, ela sentirá vergonha de mostrar que pensa de forma contrária a alguns integrantes da turma e teme ser rejeitada por esses componentes.

A insegurança faz com que a criança tenha medo de expor suas opiniões, pois sente que será criticado e dessa forma sua participação em sala de aula vai diminuindo e o aprendizado escolar é prejudicado, devido à criança não expor ao professor suas dúvidas. A timidez em pequeno grau não engendra danos, contudo em grau mais elevado é lesiva ao desenvolvimento cognitivo no ambiente escolar.

Montalvão (1986-87 - p.200) diz com muita propriedade que:

“A timidez, principalmente a paralisante, é negativa, pois leva o indivíduo a um incômodo estado inibitório, que poderá impedi-lo

inclusive de falar em certos momentos. No entanto, um leve toque de timidez reflete um comunicativo ar de pureza, por exemplo: ruborizar-se diante de certas conversas. Pesquisando indivíduos extrovertidos e introvertidos, notamos mais lisura entre os introvertidos”.

“Os sentimentos de inferioridade podem inibir a livre relação social com os nossos semelhantes. Se esses sentimentos de inadaptação se desenvolvem muito, o horizonte mental se contrai seriamente e os contatos sociais, tão fundamentais para o desenvolvimento harmônico do ser humano se perdem”. (MONTALVÃO, 1986-87, p.20).

A insegurança é uma grande barreira que impede tanto a criança tímida quanto a criança agressiva de se envolver em seus relacionamentos sociais, porém os motivos são diversificados, no caso da criança tímida, ela prefere se comportar de forma introvertida para não ser notada pelo grupo e dessa forma não criticarem seus pontos de vista, enquanto a criança agressiva necessita ser notada pelo grupo, porém a maneira que ela se expõe à turma ocasiona o afastamento de muitos componentes que temem seu temperamento forte. A convivência tende a se tornar mais agradável quando as crianças compreenderem que cada indivíduo tem um estilo próprio de ser que pode ser modificado através da aprendizagem e dos relacionamentos interpessoais, todavia o aprendente deve estar disposto a aceitar as diferenças dos outros com respeito para garantir mais harmonia em sala de aula, garantindo dessa forma mais eficácia no aprendizado escolar.

CAPÍTULO III – INTERVENÇÕES PSICOPEDAGÓGICAS

As crianças agressivas e tímidas que sofrem interferência na aprendizagem escolar devido a pouca habilidade social, podem iniciar um tratamento com um profissional responsável em prevenir e tratar as dificuldades de aprendizagem escolares ocasionadas por fatores diversos. Dependendo desses fatores e das dificuldades escolares apresentadas, o psicopedagogo poderá trabalhar em parceria com outros profissionais, tais como: o neurologista, o fonoaudiólogo, o psicólogo, dentre outros. O psicopedagogo poderá atuar com uma visão geral da sala de aula e os problemas encontrados nela ou poderá tratar de apenas um paciente de forma mais detalhada, para isso ele vai recorrer à história pessoal da criança, ou seja, a anamnese que em alguns casos contribui para perceber aspectos do início da infância que estão ocasionando dificuldades no decorrer do desenvolvimento da criança, contudo em alguns casos a anamnese pode não ter tanta utilidade se os sintomas que o aprendente possui não forem identificados com muita precisão na história pessoal, pois esses sintomas podem ter aparecido recentemente ao longo do desenvolvimento da criança, devido a outros fatores.

Existem diversos recursos essenciais para a intervenção psicopedagógica, tais como: os jogos psicopedagógicos, o psicodrama, as dinâmicas de grupo, as sessões terapêuticas etc.

Romanã (1996, p.30), diz que:

“À medida que os alunos evoluem, percebe-se que as técnicas dramáticas, ao mesmo tempo em que facilitam a compreensão de conhecimento facilitam a integração de aspectos socializantes e de estilos de conduta, que abrem novas perspectivas para sua maneira de agir e de relacionar-se com seu ambiente”.

A dramatização pode ser eficaz no tratamento do comportamento de algumas pessoas porque através do teatro terapêutico, a criança libera tensões quando representa determinados papéis. De acordo com Lima (1998), se uma criança é agressiva e interpreta o papel de uma criança meiga, geralmente, não mudará nada, porém se a criança agressiva interpretar uma personagem que também é agressiva, ela se tornará uma pessoa mais calma, pois as tensões serão liberadas no momento da representação.

Conforme Antunes (1998) ressalta, o temperamento é construído através de características herdadas e o caráter é formado através de características adquiridas pelo meio em que vivem e a junção do temperamento com o caráter forma a personalidade, que segundo diversas pesquisas comprovam que não é imutável e até mesmo o temperamento que é alicerçado através de características herdadas pode ser modificado, logo a criança agressiva e a tímida podem modificar seus comportamentos diante dos outros.

Os jogos são importantes “ferramentas” para a intervenção psicopedagógica, pois, através deles a criança aprende a solucionar problemas, repete situações vivenciadas por elas que ocasionaram dificuldades, elaboram soluções através de argumentos e a criança pode optar em brincar sozinha ou acompanhada, por conseguinte se a criança estiver iniciando o acompanhamento psicopedagógico ela, inicialmente, poderá brincar sozinha e aos poucos ela poderá solicitar a participação do terapeuta e através desse modelo de vínculo ela, paulatinamente, vai estimulando sua sociabilidade.

Os jogos coordenados por um mediador possuem dois momentos distintos denominados: maquete e garimpagem. A maquete é o jogo propriamente dito, com pequenas emoções no ato de jogar e a garimpagem é o momento de reflexão, ou seja, as crianças irão repensar o primeiro momento com críticas e sugestões, porém sem a preocupação de um julgamento se estão certas ou erradas, nesse caso, o professor ou mediador apenas conduzirá o debate, escutando cada opinião e estimulando os demais participantes a fazerem comentários.

“Na área da automotivação e comunicação interpessoal, os jogos buscam meios para se fundamentar posições otimistas e construtivistas, estratégias para lidar com a raiva, o medo, a ansiedade e a depressão e os limites das várias linguagens intrapessoais”. (Antunes, 2001, p.242).

“Os debates devem ser conduzidos de maneira serena e tranqüila, desenvolvidos por alguém muito mais disposto a ouvir que a falar, mas um mediador firme, pronto para tirar a palavra, com doçura das mais expansivas e para extrair depoimentos dos mais tímidos”. (Antunes, 2001, p.244).

De acordo com Gardner (1994) todas as pessoas possuem múltiplas inteligências, no mínimo nove tipos. São elas: inteligência lingüística, musical, lógico-matemática, espacial, naturalista, corporal-cinestésica, pictórica, inteligências pessoais intrapessoal e interpessoal.

Alguns tipos de inteligências se destacam mais em algumas pessoas e os outros tipos também são encontrados, porém em menor predominância, logo os seres humanos são dotados de todos os tipos de inteligências, mas algumas predominam mais do que outras, que necessitam de mais estímulo para seu desenvolvimento.

Conforme Gardner (1995) quando a criança não tem muita ênfase em sua inteligência interpessoal, ela poderá se destacar em outras inteligências, mas o desenvolvimento da aprendizagem teria mais eficácia com a mediação de outras pessoas, porém se a timidez se manifestar em grau elevado, à criança vai ter pouca aproximação com seus mediadores, engendrando um aprendizado com comprometimento.

As crianças agressivas e tímidas podem ter eficácia nas inteligências lingüísticas e lógico-matemáticas, que são inteligências bastante solicitadas no meio escolar, todavia suas inteligências interpessoais apresentam-se comprometidas. Devido à dificuldade de sociabilidade, a criança agressiva ou a tímida se envolve pouco em atividades desenvolvidas no grupo escolar e isso repercute nas demais inteligências que são bem desenvolvidas, mas não são demonstradas em sala de aula devido à criança não se mostrar participativa e

preferir assumir o papel de “brigão” ou “inibido” e com isso, não transparecer suas competências lingüísticas, lógico-matemáticas etc.

O professor deve valorizar as inteligências percebidas na criança, pois, através dos estímulos que a criança receber de seu mediador, ela poderá melhorar sua habilidade social e, conseqüentemente, a aprendizagem escolar. O facilitador deve promover jogos e atividades que estimulem os processos de sociabilidade (ver jogos em anexo).

A ludoterapia é um atendimento eficaz para crianças agressivas e tímidas, pois permite expressar os sentimentos do aprendente e a superação de suas dificuldades e através do convívio com outras crianças, o aprendente vai melhorando seu autoconhecimento.

A intervenção feita com recursos da psicomotricidade também auxilia a sociabilidade porque através de atividades físicas, a criança é estimulada a sair da frente da televisão e do computador; promovendo, dessa forma, uma habilidade social melhor.

A intervenção psicopedagógica em nível curativo é feita através de psicoterapias em uma clínica; pois, dessa forma, a criança é avaliada de uma forma completa. Nesse caso, o psicopedagogo irá investigar as causas da dificuldade de aprendizagem escolar, percebendo se o problema está na sala de aula, com os colegas, com o professor, ou se vem de casa ou, até mesmo, se envolve todos esses fatores, portanto o psicopedagogo vai observar o indivíduo como um todo para entender, prevenir e ajudar nas dificuldades que o aprendente sente nos processos cognitivos. O auxílio psicopedagógico pode ser feito também em nível preventivo, dentro da escola, em dinâmicas de grupo etc. Dependendo do caso, a criança é encaminhada para um tratamento psicopedagógico em parceria com outros profissionais e através da equipe multiprofissional que vem suprir a “brecha” causada pelo ensino de massa, ou seja, o ensino igual para todos, a criança vai obtendo melhoras nos processos de aprendizagens e no nível de sociabilidade.

Nas sugestões de jogos que estão nos anexos e nas demais dinâmicas de grupo, o professor tem um papel relevante nas participações dos alunos, pois um mesmo grupo em uma mesma brincadeira pode se comportar de forma diferente com cada professor, por essa razão o professor deve se mostrar bem dinâmico na condução das atividades sugeridas ao grupo.

“A escola pode ser para a família o ‘segundo lar’, ‘um depósito de crianças’, o lugar onde ‘os colocam na linha’, uma prisão, um mal necessário, um bem apreciado no sentido de sua utilidade para o dia de amanhã, o lugar onde se encontram com outras crianças, onde aprendem a obedecer, onde aprendem a defender-se etc. uma família pode ver-se alterada porque uma professora é muito rigorosa e outra porque a professora não o é suficientemente; para alguns a professora presta um serviço; para outros exerce um comando. Concluindo, interessa-nos saber o que é a escola para esta família em particular, que função cumpre dentro das expectativas do grupo, qual é a representação do mundo em que a escola adquire sentido e, portanto, até que ponto este sentido se ressente (re-sente) em função da dificuldade da criança”. (Paín, 1992, p.49).

O conceito que a família do aprendente tem sobre a escola é de fundamental importância para auxiliar no comprometimento escolar da criança. O aprendente necessita do autoconhecimento para compreender os demais, que diferem dele em muitos aspectos devido à família apresentar valores, crenças, costumes, criação interligados aos seus antepassados e por mais que alguns valores, crenças e costumes assemelhem-se ao de outras pessoas, sempre existirá fatores que diferenciarão o modo “único” de pensar de cada aprendente, por isso o fator fundamental é o respeito pelas diferenças do outro.

“A intervenção do psicopedagogo no primeiro momento da relação com o paciente, supõe escutar-olhar e nada mais. Escutar não é sinônimo de ficar em silêncio, como olhar não é de ter os olhos abertos. Escutar, receber, aceitar, abrir-se, permitir, impregnar-se.

Olhar, seguir, procurar, incluir-se, interessar-se, acompanhar.

O escutar e o olhar do terapeuta vai permitir ao paciente falar e ser reconhecido, e ao terapeuta compreender a mensagem”. (Fernández, 1991, p.131).

“Professores em escolas desestruturadas, sem apoio material e pedagógico, desqualificados pela sociedade, pelas famílias, pelos alunos, não podem ocupar bem o lugar de quem ensina tornando o conhecimento desejável pelo aluno. É preciso que o professor competente e valorizado encontre o prazer de ensinar para que possibilite o nascimento do prazer de aprender”. (Weiss, 2003, p.18).

As dificuldades de aprendizagens relacionadas a pouca habilidade social da criança podem ter a intervenção do psicopedagogo e do próprio professor, que deve incitar no aluno à vontade de aprender, mostrando ao aprendente o significado da aprendizagem e os benefícios que essa aprendizagem trará a vida dele, portanto o professor deve repassar seus conhecimentos de forma prazerosa, para conseguir a motivação da criança.

CONCLUSÕES

Por meio dessa pesquisa foi permitido constatar que as relações interpessoais contribuem bastante nos processos cognitivos de crianças pertencentes ao estágio operatório concreto, portanto o comprometimento na área social ocasiona dificuldades na área da aprendizagem escolar.

As crianças agressivas e tímidas conseguirão melhorar seu comportamento quando atingirem seu autoconhecimento e o heteroconhecimento, pois se conhecendo melhor e conhecendo bem o outro, a criança tende a obter uma evolução em suas habilidades sociais. Concomitantemente, aumenta sua participação em sala de aula, gerando uma aprendizagem satisfatória.

Constatou-se também que o lado social está interligado ao lado afetivo, logo se um deles não for bem, comprometerá o outro e conseqüentemente prejudicará a aprendizagem escolar.

Estimulando a participação de todos os integrantes do grupo escolar, através de jogos psicopedagógicos, como os jogos propostos em anexo, através de psicodramas ou por meio de psicoterapias, a criança pode melhorar os sintomas que estão prejudicando seu rendimento escolar. A contribuição dessa monografia limitou-se a investigação bibliográfica, devendo-se considerar que através de outras metodologias pode-se alcançar resultados diferenciados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Celso. **A inteligência emocional na construção do novo eu.** 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências.** 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

BEE, Helen. **A criança em desenvolvimento.** Tradução: Rosane Amador Pereira. 3 ed. São Paulo: Harbra Ltda, 1986

CARMICHAEL, Leonard; MUSSEN, Paul H. (org.). **Manual de Psicologia da Criança.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975. Volume 8 (Socialização I).

_____. **Manual de Psicologia da Criança.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975-78. Volume 9 (Socialização II).

DANTAS, Heloysa. **A infância da razão - uma introdução à Psicologia da inteligência de Henri Wallon.** São Paulo: Manole Dois Ltda, 1990.

DAVIDOFF, Linda L. **Introdução à Psicologia.** Tradução: Auripebo Berrance Simões, Maria da Graça Lustosa. São Paulo: Mcgraw-Hill de Brasil, 1983.

FERNÁNDEZ, Alícia. **A inteligência aprisionada – abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família.** Tradução: Iara Rodrigues. Porto Alegre: Artmed. 1991.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil.** Vozes: Petrópolis, Rio de Janeiro, 1995.

GARDNER, Howard. **Estruturas da mente – a teoria das inteligências múltiplas**. Trad. Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

_____. **Inteligências múltiplas – a teoria na prática**. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas. 1995.

INHELDER, B; PIAGET, J. **A psicologia da criança**. Tradução: Octavio Mendes Cajado. 15 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl de; Dantas, HELOYSA. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. 6 ed. São Paulo: Summus, 1992.

LIMA, Taís. **Psicodrama em sala de aula**. São Paulo: Vetor, 1998.

MONTALVÃO, Alberto. **Enciclopédia Contemporânea de Psicologia e Relações Humanas**. Edição 1986-87. Volume I. [s/l]: Novo Brasil Editora Brasileira Ltda.

_____. **Enciclopédia Contemporânea de Psicologia e Relações Humanas**. Edição 1986-87. Volume II. [s/l]: Novo Brasil Editora Brasileira Ltda.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico**. 3 ed. São Paulo: Scipione, 1995.

PAÍN, Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. 4 ed. Tradução: Ana Maria Netto Machado. Porto Alegre: Artmed, 1992.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de Psicologia**. Tradução: Maria Alice Magalhães D'Amorim; Paulo Sérgio Lima Silva. 24 ed. Rev. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2001.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. **O processo grupal**. Tradução: Marco Aurélio Fernandes Velloso. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

REVISTA CRESCER. Ano 6. n° 65. Abril. 1999.

REVISTA EDUCAÇÃO. Ano 28. n° 243, Julho de 2001.

REVISTA NOVA ESCOLA. N° 139. Janeiro/fevereiro de 2001.

ROMÃNA, Maria A. **Do Psicodrama pedagógico à pedagogia do drama**. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

SALTINI, Cláudio J. P. **Afetividade e inteligência – a emoção na educação**. Vol 1. [s/l]: Dp&A Editora, 1997.

SOIFER, Raquel. **Psiquiatria infantil operativa**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

_____. **A criança e a TV**. Trad. Yara Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

STATT, David A. **Introdução à Psicologia**. Tradução: Anita Liberalesco Neri. [s/l]: Harper & Row do Brasil Ltda, 1978.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. Tradução: José Cipolla Neto; Luis Silveira Menna Barreto; Solange Castro Afeche. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

WEISS, Maria Lúcia L. **Psicopedagogia Clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar**. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2003.

ANEXOS

ANEXO 1

JOGOS¹

Nome: Questionários

Habilidade: Conhecimento sobre o emocional do aluno

Outras Estimulações: Relacionamento Interpessoal/ Autoconhecimento.

Preparação:

A aplicação de questionários para avaliar a consciência emocional do aluno, desde que analisados criteriosamente, representa excelente recurso para identificar os quadros emocionais existentes na classe. Abaixo, o modelo de algumas questões que poderiam ser formuladas, ajustando-as ao nível etário e ao universo vocabular do aluno:

Questões:

1. Como reage quando vê um amigo ou um adulto perder a calma e tornar-se agressivo?
2. Em situações muito tensas, quais costumam ser suas reações?
3. Quais circunstâncias que o deixam inteiramente “fora de si” ?
4. Em quais situações vive em estados de medo? Felicidade? Tristeza? Esperança?
5. Na sua opinião, qual a diferença entre alegria e felicidade?

¹ Todas as demonstrações de jogos, do anexo, foram extraídas de ANTUNES, Celso. Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências. 9ª ed. Vozes. Petrópolis, 2001. p.250-276.

6. É capaz de perder horas de sono por causa de alguma grande preocupação?
7. Consegue falar de seus sentimentos para outras pessoas? Quais pessoas?
8. Quais fatos, ocorridos com outras pessoas, o(a) fazem sofrer sinceramente?
9. Você se acha uma pessoa muito querida em sua casa? E na escola?
10. Você seria capaz de matar um animal pequeno, sem qualquer sentimento?
11. Sei, com clareza, quem eu amo e sei, também com clareza, quem me ama?
12. Como você não sabe dizer “não”, muitas vezes faz coisas que detesta?
13. De zero a dez, a nota que dou para minha timidez é...
14. Situações que me deixam muito aborrecido são as que...
15. Toda vez que tenho que tomar importante decisão, sinto...
16. Como você se apresenta ao aceitar e manifestar carinho?
17. Qual sua capacidade em aceitar afirmações, mesmo negativas, sobre suas emoções?
18. Como você se apresenta ao pedir e ao aceitar desculpas de outras pessoas?

19. Você é uma pessoa que, sem ajuda, consegue encontrar motivos suficientes para o que necessita fazer?

20. Como você administra uma situação muito frustrante?

É evidente que as respostas dos questionários devem levar à construção de um perfil emocional do aluno, progressivamente alterado e permanentemente analisado pela equipe docente encarregada de trabalhar a alfabetização emocional.

Nome: Mess

Habilidade: Comunicação interpessoal.

Outras Estimulações: Conhecimento e empatia.

Preparação:

Cada aluno recebe um pedaço de papel onde está descrita uma situação que deverá dramatizar por um minuto. Devem existir tantas situações diferentes, quantos participantes houver. É importante orientar que o desempenho da situação deverá ser feito com movimentos e mímicas, mas sem expressões verbais (exemplos: tocar saxofone / praticar surfe / andar de bicicleta / jogar cartas / caminhar sobre a neve / atravessar um rio / brigar com um elefante / jogar cartas / trocar um pneu / jogar de goleiro / digitar / disputar cabo de guerra / servir uma mesa / ensinar balé / cavalgar um touro / jogar tênis e muitas outras).

Utilização:

Iniciada a atividade, cada aluno deve cumprir seu papel e, na medida do possível, observar os demais. Um debate deve permitir aos alunos que relatem

quais as funções que observaram. O objetivo do jogo é desenvolver em uma pessoa concentrada em uma atividade a percepção dos demais. Um debate no encerramento da atividade deve estabelecer relações entre nossas ações e a importância da percepção “do outro” e os alunos devem expor suas impressões sobre essas relações e sua ação pessoal na percepção do outro.

Nome: Personality.

Habilidade: Autoconhecimento

Outras Estimulações: Empatia e aproximação interpessoal.

Preparação:

Os alunos são divididos, por sorteio, em duplas e, durante dois minutos, cada elemento da dupla deve aprofundar seu conhecimento sobre o outro, completando as questões seguintes: Sou uma pessoa que.../ Costumo sonhar que... / O que tenho de melhor é... / O que não gosto em mim mesmo é...Folhas de papel em branco e lápis.

Utilização:

Completada essa apresentação, cada aluno recebe uma folha de papel em branco e um lápis, anotando ao alto seu nome e, no verso, o nome do parceiro. Tomando por base as respostas que apresentou, cada aluno, abaixo de seu nome, desenhará de maneira abstrata ou figurativa uma “imagem” de como se vê. A seguir vira a folha e baseando-se no que ouviu desenha uma imagem sobre como vê seu colega. Os desenhos devem ser explicados e as duplas transformam-se em quartetos onde cada um dos elementos explicará os desenhos aos outros. Eventualmente, o professor pode unir dois quartetos formando um grupo maior.

Um debate final abre espaço para a análise das “revelações” e das “descobertas” ocorridas no grupo.

Nome: Apresentação.

Habilidade: Autoconhecimento.

Outras Estimulações: Empatia e aproximação interpessoal.

Preparação:

Os alunos são divididos em duplas, e cada um deve ter em mãos uma folha de papel em branco e um lápis. Deve haver uma sala ou um espaço preferivelmente sem carteiras por onde possam se deslocar livremente.

Utilização:

Cada elemento da dupla deve escrever na folha de papel uma resposta para as questões abaixo, sem se identificar.

1. Acho que você é uma pessoa que [...] 2. Creio que você adora [...] 3. Acho você uma pessoa insegura, toda vez que...

Após essa tarefa cada aluno recebe outra folha de papel em branco e, também sem se identificar, deve responder as mesmas questões em relação à sua pessoa. Após essa etapa as folhas devem ser depositadas em dois maços, no primeiro com as impressões sobre o outro e no segundo com as impressões pessoais. Concluída essa tarefa, as folhas, ora de uma pilha, ora de outra, devem ser retiradas e todos os alunos devem apresentar sugestões sobre a quais colegas as mesmas se referem. Somente após algum debate é que o aluno, caso não tenha sido identificado antes, deve se apresentar aos demais.

Um debate final abre espaço para a análise das “revelações” e das “descobertas” ocorridas no grupo.

Nome: Quem falou?

Habilidade: Comunicação interpessoal.

Outras Estimulações: Autoconhecimento.

Preparação:

Espaço onde os alunos possam ficar sentados em círculos.

Utilização:

Com todos os alunos formando um grande círculo, o professor sorteia um que deve, por alguns instantes, retirar-se da sala. A seguir três ou quatro alunos devem apresentar frases verdadeiras e positivas a respeito do colega ausente. Essas frases podem ser anotadas na lousa.

O aluno é convidado a voltar, ler o que se encontra na lousa e tentar identificar os depoentes. Acertando ou não, estes não devem ser revelados. Outro aluno é escolhido para sair da sala e assim por diante.

Um círculo de debates finaliza o jogo, colhendo-se a impressão dos presentes e a construção de elementos caracterizados do auto e heteroconhecimento.

Nome: Montando o corpo humano

Habilidade: Percepção corporal

Outras estimulações: Auto e heteroconhecimento

Preparação:

Reunir uma grande quantidade de figuras humanas, mais ou menos do mesmo tamanho, de revistas, e colá-las em cartolina. Cortar as cabeças formando um conjunto à parte. A atividade explora muito mais profundamente o auto e heteroconhecimento quando a coleção incluir pessoas diferentes e diferentes expressões. Peças desenhadas cumprem muito bem esses objetivos.

Utilização:

Os alunos devem ser estimulados a criar situações que envolvem emoções diferenciadas (alegria, raiva, frustração, euforia, mágoa e outros) e buscar compor pessoas a partir da união das cabeças com as expressões correspondentes ao seu corpo. A atividade visa estimular a identificação e a legitimação das emoções.

Nome: Estudos de caso

Habilidade: Autoconhecimento e relacionamento social

Outras estimulações: Legitimação de estados emocionais.

Preparação: Reunir inúmeros “casos” simples envolvendo situações familiares e escolares que despertem estados de emoção (por exemplo: “O caso Henrique” – que defendeu um amigo ausente e que ficou em situação “difícil” em seu grupo; “O caso Renata” – que, coagida, denunciou a colega que furtara um doce da lanchonete e perdeu uma amizade; e inúmeros outros).

Utilização: Relatar o caso em sala, se possível, dramatizando a situação e colocando as eventuais perspectivas, para cada caso, para a discussão dos alunos. É muito importante que nessas discussões o professor tenha uma participação não opinativa, dando ou tirando a palavra aos alunos, levando-os todos a discutir, mas sem intervir de forma moralista. Ao final dos debates, pode concluir, sintetizando o caso e mostrando diferentes opiniões que essas situações podem ocasionar. Se considerar válido, pode solicitar aos alunos que exponham também “seus” casos.

Nome: Mímica

Habilidade: Comunicação interpessoal

Outras estimulações: Linguagem corporal

Preparação:

Organizar um conjunto de mensagens para serem transmitidas pelos alunos, que envolvam manifestações corporais (por exemplo: andar a cavalo), mas também situações emocionais diversas (raiva, alegria, entusiasmo, tristeza etc). Escrever essas mensagens em uma tira de papel e reunir em uma sacola de plástico ou pano.

Utilização:

A tarefa dos alunos ao sortear sua mensagem é transmiti-la aos demais, levando-os à possível descoberta, sem o uso da palavra. A atividade tem como principal objetivo a comunicação interpessoal e, depois de uma primeira experiência, outras mais complexas podem ir progressivamente sendo propostas. É interessante encerrar a atividade com um círculo de debates com

os alunos sobre as muitas formas de comunicação e sua importância no auto e heteroconhecimento.

Nome: Crachás

Habilidade: Autoconhecimento e comunicação interpessoal.

Outras estimulações: Sociabilidade e interação.

Preparação: Pedacos de cartolina e alfinetes para que os crachás sejam fixados na blusa.

Utilização:

Os alunos devem confeccionar crachás onde, além do nome e da maneira como gostariam de ser chamados, escrevam algumas sentenças que expressem seus gostos e seus sentimentos. Exemplo: a) Nome..., b) Gosto de ser chamado de..., c) Fico contente sempre que..., d) Nada me aborrece mais que..., e) Meu maior sonho na vida é...Esses crachás devem ser usados em uma atividade pouco rotineira ou mesmo em um dia específico e os alunos devem circular pela sala com os mesmos. Ao final é indispensável um círculo de debates, onde cada aluno expressa sua impressão sobre a atividade e, principalmente, revele suas descobertas. O professor não deve permitir que nas aulas seguintes os elementos dessa atividade sejam esquecidos.

Deve ser um ponto de maior aprofundamento interpessoal dos alunos e como tal ser continuamente explorada.

Nome: Quem será?

Habilidade: Auto e heteroconhecimento

Outras estimulações: Empatia e sociabilidade

Preparação:

Os alunos devem estar reunidos em uma sala, sentados em círculo.

Utilização:

Depois de solicitar que todos os alunos olhem-se e percebam os detalhes nas roupas e, sobretudo, nas expressões de cada um, solicita que todos tenham seus olhos vendados. Um aluno, silenciosamente, é retirado da sala pelo professor. A seguir as vendas devem ser tirados e os alunos devem descobrir quem foi retirado da sala, descrevendo suas características físicas e elementos de seu temperamento, sua automotivação, capacidade de administração das emoções e muito mais. Um círculo de debates sobre a importância da atividade no heteroconhecimento deve ser estimulada.

Nome: O lado positivo

Habilidade: Empatia

Outras estimulações: Relacionamento interpessoal e autoconhecimento.

Preparação:

Uma sala para que os alunos possam estar sentados em círculo.

Utilização:

O professor divide os alunos em grupos de quatro a seis componentes. Passa tantas meias folhas de papel para cada um dos participantes quantos forem os integrantes desse grupo e solicita que no mesmo escrevam um pequeno texto positivo, que explore um dos aspectos realmente bons de cada um dos integrantes do grupo, dobrando depois essa folha. O redator do texto não deve se identificar. A um sinal do professor, os textos são abertos e cada aluno deve reunir todos que a ele se referem. Após a leitura das mensagens recebidas o professor desfaz os grupos e, formando um círculo com todos, coloca em discussão as mensagens recebidas e como cada um se coloca diante da circunstância de considerá-las identificadoras ou não da imagem que faz de si mesmo. Se julgar, após longo processo de alfabetização emocional, que o grupo está suficientemente amadurecido pode desenvolver a atividade oposta: “o lado negativo”.

Nome: Quem conta um conto

Habilidade: A comunicação interpessoal e suas falhas

Outras estimulações: Hetero e autoconhecimento

Preparação:

Uma pequena história que envolva detalhes e diferentes pessoas. Uma notícia sobre uma briga de trânsito ou um mal-entendido se presta bem a essa atividade.

Utilização:

O professor solicita que quatro alunos se retirem da sala, mantendo-se em local fácil de serem chamados. Lê a história, solicitando atenção geral, pois escolherá um dos alunos presentes para relatá-la a um dos ausentes, que em seguida chamará. Chama um dos alunos que não ouviu a história e escolhe alguém do grupo para passar-lhe esse conteúdo. Esse aluno ficará encarregado de, diante de todo grupo, contar a história a outro ausente que é chamado e assim por diante. As enormes alterações ou supressões que “transformam” a história original constituem excelente experimento para que se abra uma discussão sobre a comunicação interpessoal.